

O aniversário de São Paulo na imprensa: a construção da cidade moderna no início do Séc. XX



Renata Geraissati
Castro de Almeida
Colaboração: Diógenes Sousa
Arte: Eduardo Grigaitis



Em 25 de janeiro de 1928, data em que São Paulo celebrava mais um aniversário, o Diário da Noite, com sede na Rua Líbero Badaró, estampava em sua capa a matéria “O pedaço de mata virgem hoje cidade dos arranha-céus”.

O artigo iniciava-se com a referência a José Francisco da Rocha Pombo e à sua obra *História de São Paulo*, mobilizada como autoridade historiográfica para detalhar os aspectos da fundação da cidade, descrita como, em 1553, ainda constituída por uma “mata virgem”.

A narrativa jornalística ressaltava, assim, que a fundação de São Paulo teria sido o “produto direto da energia de Anchieta” e o resultado “indireto da iniciativa de Manoel da Nóbrega”, culminando, em 1560, na elevação do núcleo ao título de vila de São Paulo de Piratininga, por Mem de Sá.

Ao tratar das comemorações do dia, o jornal afirmava que São Paulo era o “orgulho do Brasil” e, para sustentar essa posição, mobilizava dados estatísticos que reforçavam sua proeminência no cenário nacional: a cidade contaria então com cerca de 900 mil habitantes e mais de 90 mil casas.

A narrativa enfatizava o processo de modernização urbana, destacando que a “parte velha” cedia lugar a bairros novos, marcados por “ruas imponentes de edifícios enormes”, compondo uma imagem de progresso contínuo.

Segundo o periódico, não haveria uma comemoração oficial organizada pelo poder público. Ainda assim, escoteiros, crianças das escolas e dos catecismos, membros das congregações marianas, além de representantes da imprensa e autoridades, se reuniram no Largo do Palácio — atual Pátio do Colégio — às 9 horas da manhã. O espaço, carregado de simbolismo fundacional, voltava a ser acionado como palco privilegiado da memória cívica da cidade.

Na tribuna instalada ao lado do monumento, proferiram discursos Vicente Melillo, presidente da União Católica Santo Agostinho, e Vicente Ferreira, representante do Centro Cívico Palmares. Em sua fala, Ferreira destacou a importância da comunidade negra para a República e dirigiu um apelo direto ao presidente do Estado, que assistia à solenidade da sacada do palácio, para que se atentasse ao bem-estar da população negra de São Paulo.

Ao final, depositou junto ao monumento uma faixa com os dizeres: “Salve Paulicéa, heróica mãe dos bandeirantes” — expressão que condensava, de forma eloquente, as tensões entre reconhecimento, pertencimento e os limites da narrativa oficial da fundação.

A seguir, as crianças, calculadas em mais de cinco mil, entoaram o hino e circundaram o monumento com flores, encerrando a cerimônia em um gesto no qual a infância era mobilizada como símbolo do futuro da cidade.

*O ideário de modernidade da cidade de São Paulo exaltado na
capa do Diário da Noite, em 1928.*

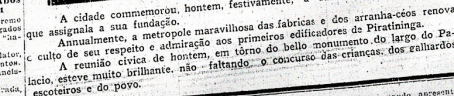
A chamada “São Paulo moderna” era atribuída diretamente à iniciativa do prefeito, descrito como dotado de um “espírito adiantado e cheio de ânimo”, responsável pela abertura de largas avenidas e pela construção de grandes edifícios que, nas palavras do periódico, “emprestam à cidade um aspecto nova-iorquino”.

Desenvolvimento da paz industrial

nas no exercício de 1927, de modo que imprevisivelmente sejam presentes ao seu gabinete até 1.º de março futuro, a demonstração pertencente à arredação dos três últimos exercícios, com a média resultante e os demais dados que aquela diretoria pode apresentar para servir de base à organização da proposta orçamentária para 1928.

[illegible]

A Fundação de São Paulo



Luiz
bailho
de A
rio

Lloyd George refere-se às oportunidades oferecidas pelo mercado.

LONDRES, 25 — Telegrammas de Plymouth informam que Mr. George, entrevistado no chafariz, declarou que

vinho

ACRESCENTOU haver veri-
de que os commerciantes
tannicos encontrarão no im-
do brasileiro as maiores o-

tunidades, embora tenham
fazer face à concorrência n
cana, notadamente no comu
de automóveis. — (Ilavas)
Lady Chamberlain

Lady Snelgrove, enferma
LONDRES, 25 — Lady Snelgrove, esposa do ministro das Negocios Estrangeiros, a enferma, placada

**O regresso de L
George**

LONDRES, 31 — Chegou a esta capital, de regresso da sua viagem ao Brasil, o 1.º ministro Lloyd George (flavus).

**A cooperação entre
tróicos e operários**
FALA A RESPEITO.
CELLER DO EXCE-
SO GOVERNO LA

LONDRES, 25 — O
do Exame... no enve
riata, o sr. Philippe S
lando hontem, á noite,
nião do partido, critic
ante a attitudde da po

ção extremista que se
admitir a possibilidade
operação entre patrões
rios.

ocido o prazo im-
90 dias, a partir da
forem as alludidas

O progresso — dizem — não se faz ra. A verdadeira di-
se, hoje em dia, r

Catallão e Iga- a Uberaba

...tender quão a sorte
salarizada não pôd
da com o systema
lice. Todas as van
ramentos obtdo
nestes ultimos 86

EXTERIOR

am as discussões
a cooperação in-

São Paulo.

No dia seguinte, 26 de janeiro, o Correio Paulistano também dedicou sua capa às comemorações do aniversário da cidade.

Observando-se com distanciamento crítico, percebe-se como a imprensa ajudava a exaltar a origem da cidade, abordagem hoje que passa longe da maioria das matérias sobre o aniversário de São Paulo.

Em destaque, um grande retrato registrava as pessoas reunidas no Largo do Palácio para o evento cívico, sob a manchete “A Fundação de São Paulo”.

Apesar da força visual da imagem, o texto que a acompanhava era surpreendentemente breve: apenas sete linhas foram reservadas para explicar o significado da fundação e comentar a celebração. Ainda assim, o jornal reforçava a ideia de que a maior efeméride da cidade residia justamente no culto anual à sua origem.

Segundo o periódico, “anualmente, a metrópole maravilhosa das fábricas e dos arranha-céus renova o culto de seu respeito e admiração aos primeiros edificadores da Piratininga”, sublinhando o caráter ritualizado da comemoração e a permanência de uma memória fundadora reiterada ano após ano.

À reunião cívica transcorrida ao redor do “belo” monumento da Glória imortal dos fundadores de São Paulo, o jornal atribuía a qualificação de “brilhante”, especialmente por contar com o concurso das crianças, dos escoteiros e, como fazia questão de frisar, do povo — um vocabulário que buscava conferir amplitude social ao evento.

As cerimônias de 25 de janeiro de 1928 tiveram como cenário o Pátio do Colégio, espaço consagrado como berço da cidade, e se organizaram ao redor do monumento Glória Imortal aos

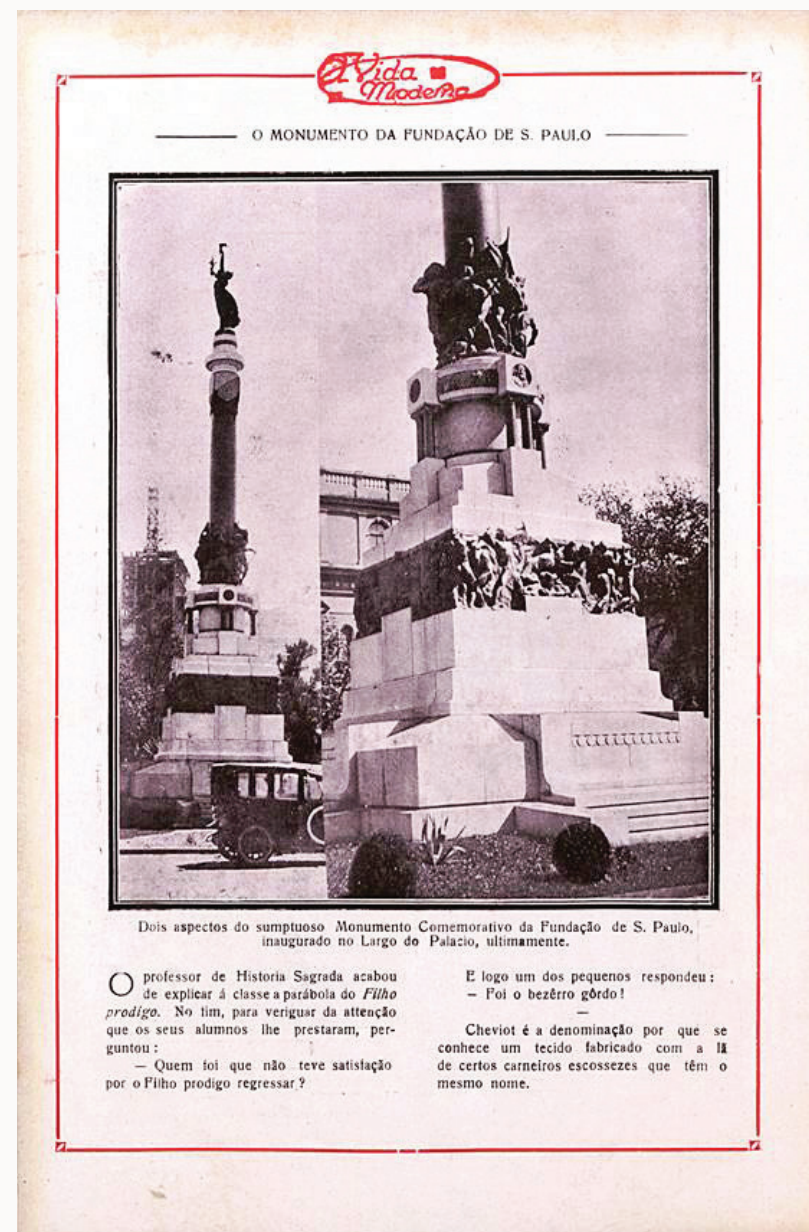
Fundadores de São Paulo, inaugurado apenas três anos antes. Longe de constituir um simples elemento decorativo, o monumento condensava, em pedra e bronze, uma narrativa oficial da fundação paulistana.

No topo, a figura feminina que personifica a cidade coroa seus fundadores, enquanto, nos relevos inferiores, indígenas aparecem associados ao trabalho braçal, subordinados à ação civilizadora de padres e autoridades coloniais. A memória ali fixada é hierárquica, conciliadora e orientada pela ideia de progresso, exatamente a mesma que os jornais de 1928 reiteraram ao celebrar a cidade dos arranha-céus.

O próprio processo de concepção e implantação do monumento demonstra já em seu edital do concurso publicado em 1909 que seria realizada a escolha de um “Monumento Comemorativo da Fundação de São Paulo”, cujo objetivo explícito era perpetuar a memória da fundação e homenagear Anchieta, Nóbrega e Tibiriçá.

A comissão responsável pela seleção do projeto reunia figuras centrais da elite política, intelectual e econômica paulistana — entre elas Antônio Prado, Júlio de Mesquita e

Ramos de Azevedo —, o que evidencia o caráter institucional e dirigido da memória que se pretendia fixar no espaço urbano.



A inauguração do Monumento Comemorativo da Fundação de São Paulo foi destaque na imprensa de então: como aqui, na revista A Vida Moderna.



Gravado no imaginário da cidade o Monumento Glória imortal dos fundadores de São Paulo ainda hoje mostra sua imponência no local de fundação da cidade. Pela força de seu simbolismo foi usado em propaganda do movimento constitucionista de 1932.

O concurso, que previa um prêmio de trinta contos de réis, contou com a participação de sete escultores: Correa Lima, Eduardo de Sá, E. Bertozzi, Nicolina Vaz de Assis, Amadeu Zani e a dupla Lorenzo Petrucci - Benedito Calixto, e consagrou o projeto de Amadeu Zani, artista de origem italiana, executado em Roma entre 1911 e 1913 (Inventário de Obras de Arte em Logradouros Públicos da Cidade de São Paulo, 2008).

A longa demora entre a execução das peças do monumento Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo, fundidas na

Itália, e sua inauguração efetiva apenas em 1925 evidencia que se tratava menos de um simples marco comemorativo e mais do resultado de um processo prolongado de negociações políticas, administrativas e urbanísticas.

Assim, quando as cerimônias de 1928 se organizaram em torno desse monumento, ele ainda era um artefato recente, concebido por e para as elites dirigentes, que materializava uma leitura específica do passado paulistano e a oferecia como narrativa consensual, ritualizada anualmente no Pátio do Colégio.





É precisamente nesse mesmo ano de 1928 que a Casa da Boia celebrava seus trinta anos de fundação. Por ocasião da efeméride, seu fundador, Rizkallah Jorge Tahan, encomendou uma película ao estúdio Oriente Films, de Buenos Aires, empresa especializada em produções sobre a região da Síria e do Líbano.

O gesto não era casual. Assim como o monumento público buscava fixar uma narrativa sobre a origem da cidade, o filme operava como um instrumento de construção de memória

privada, por meio do qual Rizkallah Jorge inscrevia sua trajetória individual na história urbana de São Paulo.

Desde a primeira cena, a intenção memorialista se explicita. O enquadramento inicial recupera a vitrine apresentada pela Casa da Boia na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, em 1908.

O destaque visual recai sobre o nome de Rizkallah Jorge, posicionado acima da boia

sanitária com a inscrição “Casa da Boia” e, logo abaixo, a palavra “São Paulo”. A escolha do recorte evidencia o propósito da filmagem: celebrar o fundador, o comércio criado em 1898 e a cidade na qual encontrou as oportunidades para sua ascensão.

As cenas seguintes deslocam-se para a Rua Carlos de Souza Nazaré, registrando o fluxo de automóveis e pedestres e as fachadas dos palacetes São Jorge, Aleppo e Paraíso, este último ainda em construção.



Casa da Boia
Rua Florêncio de Abreu, 123
São Paulo
1928



A câmera valoriza os edifícios como marcos de sua presença na cidade, destacando pormenores ornamentais e as iniciais "RJ" nas portas.

O filme avança então para a Avenida Paulista, e exibe a residência de Rizkallah Jorge, com sua família no jardim, em contraste com o trânsito intenso de carros e ônibus ao fundo, em uma narrativa que articula vida privada e cidade moderna, convertendo a ocupação desse endereço em capital simbólico.

Elementos arquitetônicos como o minarete e os arcos da casa evocam uma identidade árabe que não se apresenta como dissonante, mas integrada à paisagem da metrópole em expansão.

A sequência retorna à Casa da Boia, agora na Rua Florêncio de Abreu, com imagens da fachada, do interior do comércio e do processo produtivo que se dava no ambiente fabril.

Funcionários, máquinas, moldes, tornos e

engrenagens compõem uma narrativa visual que associa trabalho, técnica e modernidade.

Ao destacar a linha de produção e o motor elétrico central, o filme insere a Casa da Boia no imaginário industrial da cidade, reforçando sua sintonia com o tempo da metrópole.

A presença dos filhos Salim, Nagib e Jorge introduz uma dimensão temporal explícita, conectando passado, presente e futuro, e





sinalizando a continuidade do ofício e do legado familiar. O encerramento retorna à esfera privada, com Rizkallah Jorge ao lado de sua esposa, Zakie Nacacche, culminando em um close em seu rosto. A narrativa se fecha como se iniciou: do nome à figura do fundador.

O monumento celebratório do Pátio do Colégio, as comemorações do aniversário da cidade em 1928 e o filme encomendado por Rizkallah Jorge compõem um mesmo esforço de construção

e reafirmação da imagem de São Paulo como cidade moderna, industrial e em permanente ascensão. Essas narrativas, no entanto, compartilham uma leitura conciliadora da fundação e da história paulistana.

Um discurso conceitual e imagético que se alinha a silenciar conflitos, hierarquias e as tensões inerentes ao processo de ocupação e transformação do espaço urbano naquele período de profunda transformação.

Se, por um lado, o monumento oficial fixa no espaço público uma memória autorizada da origem da cidade, por outro, a produção cinematográfica revela o empenho de um imigrante em se inscrever nessa história por meio do trabalho, da técnica e da apropriação simbólica da cidade moderna.

Em ambos, a cidade de São Paulo aparece como agente ativo de uma narrativa de pertencimento, reconhecimento e legitimidade social.



Referências

Correio da Manhã. A fundação de S. Paulo.
Ano XXVII, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1928, nº 10.134, capa.

Correio Paulistano. A fundação de São Paulo.
São Paulo, 25 de janeiro de 1928, nº 23.150, capa.

DIÁRIO DA NOITE. O pedaço de mata virgem, hoje cidade
dos arranha-céus.
Ano IV, São Paulo, 25 de janeiro de 1928, nº 1.021, capa.

Inventário de Obras de Arte em Logradouros Públicos da Cidade
de São Paulo – Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo. 27 de
Maio de 2008.
Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/patrimonio_historico/adote_obra/4523. Consultado em 19 de janeiro
de 2026.

CASA DA
BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

*Diretor: Mario Rizkallah
janeiro, 2025*

*Detalhe do monumento
“Glória imortal dos
fundadores de São Paulo”.*